

Evento formativo sobre o binómio: “Bons cristãos e honestos cidadãos”

Quinta-feira Salesiana – 3 de abril de 2025

1) Sr Martha

Apresentamos as nossas mais calorosas saudações a todos vós que nos escutam de diferentes partes de Itália e do mundo. Este último encontro das Quintas-feiras Salesianas deste ano 2024-2025 será um diálogo poliédrico sobre o Sistema Preventivo de modo a continuar a aprofundar dos seus alguns aspetos a partir dos resultados da investigação realizada por ocasião do 150º aniversário do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Hoje vamos refletir sobre a finalidade da educação que Dom Bosco resumiu na expressão: “Educamos bons cristãos e honestos cidadãos”.

A primeira intervenção é confiada à Irmã Magna Martinez, Professora de Didática Geral na Pontifícia Faculdade de Ciências da Educação “Auxilium”, que nos ajudará a compreender os antecedentes do binómio “bons cristãos e honestos cidadãos” frequentemente utilizado por Dom Bosco para se referir à finalidade da educação. O foco será a forma como Dom Bosco o utilizou e a quem o dirigiu. Seguir-se-á um diálogo entre a Irmã Enrica Ottone, Professora de Pedagogia Social, e a Irmã Martha Sêide, Professora de Teologia da Educação. Retomando os resultados da investigação, procuraremos, por um lado, reler e interpretar os dados que emergiram sobre o núcleo em causa, por outro, justificar a unidade do binómio na visão da finalidade unitária do método educativo.

PERGUNTA

- *O que significa para Dom Bosco a expressão “Bons cristãos e honestos cidadãos”?*
- *Em que contextos Dom Bosco utilizou esta expressão? Com que finalidade?*

2) Sr Magna

Um olhar sobre as raízes do binómio: bons cristãos e cidadãos honestos

O binómio “bons cristãos e honestos cidadãos”, embora amplamente associado a Dom Bosco, tem raízes históricas e filosóficas que precedem a sua obra, refletindo uma tradição de pensamento pedagógico e social que atravessa séculos.

Um dos primeiros a formular esta visão pedagógica foi Sívio Antoniano (1540-1603), cardeal e pedagogo italiano. Na sua obra “*Sobre a educação cristã e política das crianças*”, influenciado pelo Concílio de Trento, realçou que ser um bom cristão significava também ser um cidadão responsável e ativo. Durante os séculos XVI e XVII, o ideal educativo evoluiu para uma abordagem humanista em que Charles Rollin, reitor da Universidade de Paris, promoveu uma educação integral que incluísse a ciência, a moral e a religião, com o objetivo de formar indivíduos completos, capazes de serem bons cidadãos e bons cristãos. Esta abordagem refletia a crença de que a educação deveria preparar os indivíduos não só para a vida espiritual, mas também para a vida cívica e social.

Em 1769, alguns documentos da Casa de Viena que examinavam as relações entre a Igreja e o Estado declaravam que os bons cristãos eram também os melhores cidadãos. Foi enfatizada a necessidade de colaboração harmoniosa entre os dois poderes para o bem comum, destacando o vínculo indissolúvel entre religião e razão. A educação religiosa, neste contexto, era vista como um contributo essencial para a formação de cidadãos virtuosos e responsáveis. Durante o reinado de Maria Teresa e do seu filho José II (1740-1790), foram implementadas uma série de reformas com o objetivo de consolidar o poder imperial e fortalecer a administração, a economia e a sociedade do império. Entre estas reformas, a Patente de Supressão de 1782 teve um impacto significativo, suprimindo vários mosteiros

contemplativos e ordens religiosas consideradas inúteis para a sociedade, pois não se dedicavam ao ensino nem ao cuidado dos doentes.

Em resposta aos desafios da época, surgiram novas congregações, dedicadas sobretudo à educação, com o objetivo de formar bons cristãos e cidadãos honestos. Estas iniciativas refletiram a importância atribuída à educação como ferramenta para promover o crescimento espiritual e o bem-estar cívico.

Em 1797, Scipione Bonifácio, no seu panfleto “*Os direitos do homem, os direitos do cidadão e os direitos e deveres do cristão e do cidadão*”, enfatizou a indissolubilidade dos papéis do homem, do cidadão e do cristão. Defendeu que a religião é inseparável da razão e das leis sociais, e que um cristão tem necessariamente de ser também um bom cidadão. No século XIX (XIX), o Ressurgimento italiano levou a novas reflexões sobre a forma de conciliar o papel do cristão com o do cidadão. Num período de fervor político e social, houve uma discussão sobre como conciliar a identidade religiosa com os valores patrióticos e civis. Figuras como Pietro Gioia, Ministro da Justiça, enfatizaram a importância de o clero compreender os seus deveres enquanto súbditos e cidadãos, enraizados na lei cristã.

Dom Bosco, filho do seu tempo e dotado de uma notável capacidade de compreensão da realidade em que viviam os jovens, idealizou estratégias para favorecer o seu crescimento. Adotou e promoveu o princípio de formar “bons cristãos e cidadãos honestos” como base do seu trabalho educativo, num contexto em que a Revolução Industrial e outras revoluções estavam a transformar profundamente os princípios e a cultura. A sociedade e a educação já não eram as do Antigo Regime, nem as radicais da laicidade, mas refletiam uma clara separação entre a Igreja e o Estado, própria de um liberalismo por vezes anticlerical, mas não anticristão, que acreditava que a educação e a religião se deviam apoiar mutuamente.

Partindo de uma abordagem centrada nos jovens, Dom Bosco criou uma rede de relações com diversas organizações para promover e garantir a sua formação. Isto permitiu-lhe comunicar eficazmente com diferentes interlocutores, para assegurar o seu principal objetivo: formar pessoas íntegras, capazes de viver a sua fé e de contribuir ativamente para o bem comum.

Examinemos alguns aspetos da forma como Dom Bosco empregou a frase “bons cristãos e honestos cidadãos” com uma variedade de nuances demonstrando uma notável capacidade de enraizar o seu propósito educativo.

Dirigindo-se aos seus colaboradores “educadores”, destacou a importância de formar bons cristãos e honestos cidadãos, utilizando verbos como *fazer, educar, preparar, tornar, treinar, instruir e formar*, todos indicativos de um compromisso contínuo com o processo educativo. «Para restituí-los à família, à sociedade, à Igreja como bons filhos, cidadãos sábios, cristãos exemplares». Dom Bosco encorajou os educadores a inculcar nos jovens virtudes cristãs e cívicas, considerando-as indispensáveis para a formação de indivíduos completos e responsáveis. Salientou que a educação deve incluir também a vida social, pois um bom cristão deve ser também um bom cidadão. Evidenciou a importância da ação educativa constante e dedicada dos educadores numa era de grandes transformações, marcada pela difusão de ideais liberais e laicas. Neste contexto, era essencial formar educadores capazes de transmitir aos jovens não só conhecimentos, mas também valores cristãos e civis, contrariando a influência de ideologias nefastas. Perante a *lei Casati* de 1859, que reformou o sistema escolar e refletia a tensão entre a educação laica e a religiosa, Dom Bosco insistiu na importância de educadores qualificados e empenhados, capazes de orientar os jovens por um caminho de crescimento integral.

Dirigindo-se aos seus benfeitores, Dom Bosco expressava a sua profunda gratidão pelo apoio vital dado à sua missão educativa. Reconhecendo como o seu contributo era crucial não só para a subsistência dos jovens, mas sobretudo para a sua boa educação e educação cristã e civil. Afirmou: «Da vossa caridade espero o pão e o necessário para a vida, a boa instrução e a educação cristã e civil para os jovens hospitalizados, ...». Numa época de incerteza política e social, o apoio privado foi essencial para financiar o seu trabalho educativo e assistencial. Isto permitiu-lhe formar bons cristãos e de honestos cidadãos, em consonância com o seu sistema preventivo, retirando os jovens da

marginalidade e oferecendo-lhes uma educação integral. A generosidade dos benfeitores era vista como uma cooperação essencial para o bem das almas e da sociedade civil. Além disso, Dom Bosco acreditava que o seu envolvimento na caridade não só promovia o crescimento dos jovens, como também promovia o desenvolvimento pessoal dos próprios benfeitores, fortalecendo os valores morais e sociais dentro da comunidade.

Dirigindo-se às autoridades civis, Dom Bosco destacou a importância crucial da educação dos jovens para o bem-estar da sociedade, afirmando que "a sociedade será boa se derdes aos jovens uma boa educação". Esta crença norteou as suas ações e interações com as instituições. Não se limitou a enunciar este princípio, mas demonstrou-o concretamente através dos seus oratórios, que tiravam os jovens das ruas, oferecendo-lhes educação moral, religiosa e profissional. Dom Bosco apresentou as suas iniciativas como um contributo de utilidade pública, capaz de reduzir a criminalidade e formar cidadãos honestos e trabalhadores. A sua obra educativa visava formar excelentes cristãos, bons pais, súbditos fiéis e úteis à sociedade, destacando como a formação integral dos jovens, enraizada nos princípios cristãos, era essencial para uma sociedade saudável e próspera. Mantendo a sua autonomia e a prioridade da salvação espiritual, procurou a colaboração das autoridades civis, consciente de que a educação era um interesse comum para o bem dos jovens e da comunidade.

Dirigindo-se à Igreja, Dom Bosco afirmou: "A minha política é a do Pai Nosso". Nesta resposta a Pio IX, resumiu a sua visão da relação entre fé e compromisso social. Para Dom Bosco, a ação educativa e pastoral era intrinsecamente política, pois visava transformar a sociedade segundo os valores do Evangelho. A Igreja do século XIX enfrentou o desafio da modernidade, com a disseminação de ideologias seculares e anticlericais e a perda do poder temporal. Neste contexto, era essencial renovar o compromisso da Igreja com a educação e a assistência social, oferecendo uma resposta concreta às necessidades dos jovens e das famílias. Ele, com o seu carisma e capacidade de inovação, representou uma importante referência para a Igreja, demonstrando a possibilidade de conciliar a fé e a modernidade e de anunciar o Evangelho numa linguagem nova e acessível.

Dirigindo-se aos jovens, Dom Bosco encorajou-os a "viver sempre como bons cristãos e sábios cidadãos". Utilizou verbos ativos e reflexivos como "fazer-se", "tornar-se", "viver" e "mostrar-se" para estimular um processo intrínseco de transformação pessoal. «Fazer-se» e «tornar-se» denotavam uma construção ativa da identidade moral e cívica; «viver» sublinhava a importância de internalização e da aplicação prática dos valores cristãos e cívicos na vida quotidiana; e "mostrai-se" evidenciava a dimensão social e comportamental dessa identidade através de uma conduta exemplar. Este incentivo a fazer próprios os valores cristãos visava desenvolver a interiorização moral e comportamentos pró-sociais, com os jovens considerados protagonistas ativos do seu próprio percurso educativo. Dom Bosco acreditava firmemente no potencial dos jovens para "se entregarem totalmente a Deus" e aspirarem à santidade, meta educativa suprema a todos proposta.

Selecionei três momentos significativos em que Dom Bosco utilizou a expressão "bons cristãos e honestos cidadãos".

A primeira, que recorda o início da obra salesiana, encontra-se nas Memórias do Oratório, no final da narração do encontro com Bartolomeu Garelli. Cito diretamente: «*A este primeiro aluno juntaram-se alguns outros, e durante esse Inverno limitei-me a alguns adultos que necessitavam de uma catequese especial e sobretudo aos que saíam da prisão. Foi então que constatei que os jovens saídos do local de punição, se encontrassem uma mão benevolente que cuidasse deles, os ajudasse nas férias, tentasse pô-los a trabalhar para algum mestre honesto e fosse visitá-los por vezes durante a semana, estes jovens entregavam-se a uma vida honrada, esqueciam o passado, **tornavam-se** bons cristãos e cidadãos honestos*». Esta citação reflete a convicção de Dom Bosco de que uma educação integral e um apoio constante podem transformar radicalmente a vida dos jovens, mesmo aqueles vindos de contextos difíceis. A sua capacidade de ver o potencial em cada jovem e de lhes oferecer os recursos necessários para uma vida digna e produtiva é um exemplo de como a educação pode ser uma ferramenta poderosa para a mudança social. Dom Bosco sempre acreditou nos jovens.

A segunda citação é relatada no Opúsculo de 1877, onde Dom Bosco afirma: «*Por onde passam estes alunos são sobretudo consolação da família, cidadãos válidos e bons cristãos*». Com esta afirmação, Dom Bosco sublinha aos educadores o efeito multiplicador do bem que fazem aos rapazes, alargando assim a missão educativa, que tem um impacto positivo também nas famílias e na sociedade no seu complexo. Reconhecia que educar os jovens também significava melhorar o tecido social, criando uma rede de pessoas moral e civicamente responsáveis.

A terceira citação encontra-se pela primeira vez nas Memórias Biográficas e é utilizada por Dom Bosco no contexto da transferência do oratório para Molini di San Martino, em Turim, em julho de 1845. Dom Bosco faz um discurso aos jovens, encorajando-os a não se preocuparem com as constantes mudanças e a confiarem na Providência divina. Realça a importância de frequentar o oratório, ser educado e viver virtuosamente para se tornarem bons cristãos e cidadãos honestos. Esta exortação de Dom Bosco ainda hoje ressoa em todos os continentes, inspirando gerações de jovens.

Um aspeto significativo de Dom Bosco é a adoção do plural sempre que se refere ao binómio “bons cristãos e honestos cidadãos”. Esta escolha não é acidental. Embora Dom Bosco privilegiasse a relação educativa personalizada, isto é, a pedagogia do um para um, promovia-a dentro de uma visão comunitária e familiar. Para ele, não bastava formar o indivíduo; era necessário formar o cidadão dentro da comunidade, da família, da sociedade.

O uso do plural refletia a ideia de que a educação devia ter impacto tanto na comunidade terrena como na celestial, contribuindo para a construção de uma sociedade coesa. Esta escolha linguística realçou a importância de uma educação que acolhesse todos os jovens, promovendo o crescimento espiritual e cívico. A virtude de um fortalece a dos outros, criando uma rede de apoio que facilita o progresso da comunidade, com a identidade do espírito de família.

Qual é a opinião dos educadores contemporâneos sobre a formação de bons cristãos e de cidadãos honestos? Abaixo, partilho excertos de reflexões de educadores de diferentes partes do mundo.

O primeiro educador afirma que: «*Com a mudança da sociedade, educar os jovens para serem bons cristãos e honestos cidadãos tornar-se um desafio porque o sistema educativo da sociedade hodierna não está em consonância com a finalidade do Sistema Preventivo, não o favorece e, por vezes, opõe-se a essa finalidade*». Esta resposta evidencia um desafio crucial no contexto educativo contemporâneo. A missão salesiana de formar bons cristãos e honestos cidadãos entra em choque com um sistema educativo que muitas vezes não apoia e, por vezes, contradiz estes objetivos. Isto exige um empenho ainda maior dos educadores e das comunidades para encontrar formas criativas e resilientes de transmitir estes valores essenciais, apesar dos desafios.

O segundo educador afirma: “*Educar bons cristãos e cidadãos honestos é a bússola que orienta a minha missão educativa*”. Esta declaração destaca a importância de desenvolver competências pessoais para acompanhar os jovens. O educador demonstra uma direção clara e um forte sentido de responsabilidade. Esta abordagem não só promove os valores morais e religiosos, como também estimula a participação ativa e positiva na sociedade, formando indivíduos completos e responsáveis. Dom Bosco enfatizou que os educadores devem ser modelos, capazes de inspirar e orientar os jovens na sua caminhada de crescimento pessoal e cívico.

O terceiro educador observa: “*Para as crianças não cristãs: educamo-las a viverem a justiça, para terem uma consciência reta, para poderem distinguir e escolher entre o bem e o mal*”. O educador encontra uma resposta para acompanhar os jovens não cristãos, promovendo valores universais que transcendem as diferenças religiosas, criando um ambiente educativo que valoriza cada indivíduo. Ensinar estes princípios fundamentais ajuda a desenvolver cidadãos responsáveis e conscientes, capazes de contribuir positivamente para a sociedade.

O quarto educador diz: “*Gosto desta frase: ‘se brincares com cinco pessoas positivas, a sexta serás tu e vice-versa’*”. O educador realça a importância do ambiente social na formação do nosso comportamento e atitudes. Estar rodeado de pessoas positivas inspira-nos a melhorar e a contribuir

positivamente para a sociedade. Ao adotar uma abordagem positiva, podemos também influenciar e ajudar outras pessoas a mudar para melhor.

Refletindo sobre as respostas dos educadores, penso que, para implementar a formação de bons cristãos e de cidadãos honestos, nós, educadores de hoje, precisamos de uma série de competências essenciais. Tais como competências interpessoais para construir relações positivas e de confiança com os jovens; competências emocionais para compreender as emoções e as necessidades dos jovens; competências práticas para aplicar métodos educativos concretos e desenvolver atividades que promovam o crescimento integral; competências pedagógicas para adaptar a abordagem educativa às necessidades específicas dos jovens; competências espirituais para transmitir os valores cristãos e orientar os jovens no seu caminho de fé e competências morais e éticas para promover comportamentos éticos e morais, inspirando os jovens a viver de acordo com estes princípios.

Para concluir, gostaria de colocar uma questão:

Como reinterpretar os “bons cristãos e honestos cidadãos” na educação de hoje, considerando os desafios contemporâneos?

Passo agora a palavra à Irmã Enrica e à Irmã Marta

PERGUNTA

- *Num contexto como o atual, caracterizado pelo pluralismo e pela secularização, em ambientes multiculturais e multirreligiosos, como é que o binómio “bons cristãos e honestos cidadãos” é compreendido e vivido pelas educadoras e pelos educadores que trabalham nas casas das Filhas de Maria Auxiliadora nas várias partes do mundo?*

3) Sr Enrica

Colocámos esta questão num inquérito internacional realizado entre 2021 e 2022 por uma equipa de investigação coordenada pela nossa Faculdade Auxilium. A pesquisa envolveu aproximadamente 500 FMA, homens e mulheres leigos de 5 continentes.

- Um dos objetivos da investigação foi explorar a forma como o sistema educativo salesiano é vivenciado hoje nas obras das FMA. Em particular, evidenciámos alguns aspetos, entre os quais a visão integral e unitária da pessoa e a finalidade da educação que consiste em formar "bons cristãos e honestos cidadãos". Uma das hipóteses dizia respeito precisamente à conceção realista e otimista da pessoa e da educação e à visão unitária do objetivo, explorando como este era entendido e promovido na prática em diversos ambientes educativos.
- Nesta reunião, não dispomos de muito tempo para aprofundar os dados que recolhemos, imaginem que analisámos mais de 500.000 palavras. Apresentaremos apenas alguns dos resultados que nos ajudarão a compreender como é pensado e vivido este aspeto central do nosso sistema educativo salesiano.
- Um desafio que emerge claramente da leitura dos dados é o formativo: ao responder à questão sobre o que significa para si a expressão de Dom Bosco “Bons cristãos e honestos cidadãos”, os entrevistados explicitaram alguns aspetos, reiteraram muitas vezes a consciência da unidade de propósito, mas manifestaram a necessidade de aprofundar o seu significado.
- Na análise das respostas que se referem à segunda parte da questão. “*O que faz para educar bons cristãos e cidadãos honestos?*” alguns sentiram necessidade de distinguir, deixando entrever um certo dualismo: para educar bons cristãos fazemos isto... e para educar cidadãos honestos propomos estas outras experiências. Este aspeto poderia ser explorado mais profundamente, mas deixa em aberto o desafio da formação.

- Os entrevistados parecem convencidos e conscientes da unidade do binómio, mas também destacam os desafios para o realizar hoje em vários contextos, particularmente em contextos multirreligiosos e secularizados.

- Um educador japonês que trabalha num contexto em que o cristianismo é uma religião minoritária relata-o de forma muito eficaz. Leio agora as suas palavras recolhidas através do *focus group*:

«Ando a pensar nisso há algum tempo. Estamos a formar cidadãos honestos e bons cristãos? Ou pelo menos a tentar formar honestos cidadãos? Será que achamos mesmo que os cidadãos honestos acabarão por ser considerados bons cristãos? Mas, por vezes, não conseguimos educá-los para serem honestos cidadãos, para que possam ser bons cristãos com todos, honestos cidadãos que procuram ser... bons cristãos. Se tens uma religião diferente, como já disse anteriormente, ou se estes são o mínimo para fazer destas pessoas honestos cidadãos, não haveria forma de descobrir algumas sementes ou alguma coisa que possam mostrar que é um bom cristão sendo um honesto cidadão?» (G_34_AS_IT, Pos. 79)

- A questão final, colocada de forma muito clara por este educador, está também implícita nas respostas de muitos outros entrevistados. Sugere já uma pista: criar oportunidades para refletir em conjunto sobre as competências do honesto cidadão que vive este conjunto de virtudes humanas e encarna os valores evangélicos e identificar alguns indicadores que o atestem.

- Pode ser útil o confronto com os especialistas e por isso pedimos-lhe agora, Irmã Martha, que aprofunde as razões, ou seja, que nos explique

PERGUNTA

- Como se justifica a convicção de que quando educamos honestos cidadãos educamos também bons cristãos e vice-versa?

4) Sr. Martha

Esta visão unitária encontra o seu fundamento na perspetiva antropologia teológica da Imago Dei a que se refere a Génesis 1, 26-27, ou seja, **a pessoa humana é criada à imagem de Deus Trinitário.**

Esta perspetiva encontra um esclarecimento iluminante no documento da Comissão Teológica Internacional, intitulado precisamente: “*Comunhão e Serviço. A Pessoa Humana Criada à Imagem de Deus*” (2004). Portanto, a pessoa criada à imagem de Deus é um ser relacional chamado a uma vocação intrínseca à **comunhão** e ao **serviço**.

No que diz respeito à comunhão, implica a dimensão pessoal, que se refere tanto à unidade irreduzível, à identidade e à interioridade do indivíduo, quanto à relação fundamental com os outros, que é a base da comunidade humana. Na perspetiva cristã, esta identidade pessoal, que é também um orientar-se para o outro, assenta essencialmente na Trindade das Pessoas divinas. Deus não é um ser solitário, mas uma comunhão entre três Pessoas (n.º 41). Se a Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo — é uma comunhão de pessoas, conseqüentemente, a pessoa, criada à Sua imagem, é chamada a refletir este modelo em todas as dimensões da existência, desde a pessoal à comunitária e social: unidade de corpo e alma, homem e mulher, pessoa e comunidade, pecado e salvação. De facto, ninguém existe como indivíduo isolado, mas só se realiza plenamente na relação com os outros e com Deus. A comunidade, portanto, não é um acréscimo exterior à pessoa, mas o lugar onde esta encontra o sentido mais profundo da sua existência.

Da mesma forma, a **dimensão do serviço e da cidadania responsável** é inerente à vocação originária do ser humano. Criado à imagem de Deus, é chamado a participar no governo da criação, não como um governante, mas como um **administrador responsável**. A tarefa que Deus confia à pessoa é uma forma de serviço: orientar, proteger e melhorar o mundo, promovendo a justiça e o bem comum. Esta orientação para o serviço não é apenas um dever religioso, mas também a base para ser um **cidadão honesto**, capaz de construir uma sociedade justa e solidária. O bom cristão, vivendo segundo a sua

vocação de serviço, torna-se inevitavelmente também um bom cidadão, porque contribui para o bem comum com o seu próprio compromisso ético e social.

Podemos afirmar que esta perspetiva da Imago Dei encontra a sua concretização na encarnação do Filho que torna visível a imagem de Deus. Diz-nos o Concílio Vaticano II: “Na realidade, só no mistério do Verbo encarnado se esclarece o mistério do homem” (GS n.º 22). De facto, é Jesus Cristo que revela ao homem a plenitude do seu ser, na sua natureza original, na sua realização final e na sua realidade atual. Por isso, quem quer viver de forma concreta a doutrina da imago Dei deve colocar-se na escola de Jesus para aprender com Ele como viver o projeto do Pai para a humanidade, concebido n’Ele antes da criação do mundo.

Em síntese, a visão unitária da pessoa emerge da verdade de que o ser humano é corpo e alma, indivíduo e relação, filho de Deus e guardião da criação. A sua identidade cristã realiza-se na comunhão e manifesta-se no serviço, dois aspetos inseparáveis que fundamentam tanto a espiritualidade pessoal como o compromisso civil, para viver como bons cristãos e honestos cidadãos.

PERGUNTA

- *Mas como é que os educadores implementam hoje esta unidade nos vários contextos do mundo?*

5) Sr Enrica

Esta finalidade, nas respostas dos entrevistados, realiza-se num conjunto variado e articulado de objetivos educativos. Os códigos relativos a este aspeto referem-se principalmente às respostas à pergunta: O que faz para educar bons cristãos e cidadãos honestos?

- A análise das 541 frases que classificámos como respostas a esta questão específica permitiu-nos identificar uma grande variedade de objetivos que agrupámos nas seguintes 4 dimensões:
- a dimensão sociopolítica (educação para a cidadania ativa, cuidado do bem comum, solidariedade, interculturalidade, paz, justiça, direitos humanos);
- A dimensão que codificámos como “cognitiva”, ou seja, que diz respeito à necessidade de promover o desenvolvimento da capacidade de reflexão, do pensamento crítico, da competência digital, hoje diríamos para poder enfrentar os desafios que surgem com a IA;
- a dimensão afetiva e motivacional (promoção da disposição para viver e testemunhar valores como a coerência, a honestidade e a capacidade de regulação das emoções);
- e, finalmente, a dimensão moral, espiritual, religiosa, explicando os aspetos da abertura à transcendência, do sentido e da perspetiva existencial, da fé, dos sacramentos, da oração.

Os entrevistados descrevem uma grande variedade de estratégias, atividades e experiências educativas que permitem a prossecução destes objetivos em vários contextos de educação formal, não formal e informal e destacam vários aspetos. Reunimos três que são centrais no nosso sistema educativo:

- atenção à formação dos jovens como protagonistas e capazes de participar ativamente nas diversas atividades da sua educação;
 - a consciência de que a educação é um processo contínuo e circular e envolve trabalho em rede e trabalho em rede;
 - profissionalismo, que se reconhece no tempo dedicado à preparação e na atenção ao detalhe.
- Um último aspeto que gostaria de destacar é o testemunho do/a educador/a. Para atingir o objetivo e ajudar os jovens a compreender que o objetivo é unitário, o testemunho desempenha um papel central.

Em primeiro lugar, somos nós próprios que devemos assumir conscientemente a responsabilidade da autoformação para compreender e sermos capazes de viver esta unidade de propósito em primeira pessoa. Deve transparecer a nossa coerência com os valores evangélicos segundo o modelo das Bem-aventuranças e o empenho em vivê-los nessa unidade fazendo que se tornem competências, ou melhor, virtudes entendidas como hábitos, ou seja, disposições estáveis que os jovens possam reconhecer em nós e aprender a viver de nós e connosco.

Esta constatação parece-me evidente no resultado que recolhemos nas entrevistas. Mais de 230 codificações referem-se a situações da atualidade, das quais quase metade dizem respeito à pandemia da Covid-19. Este aspeto de atenção ao contexto emergiu transversalmente nas respostas: reconhecemos a característica, típica da tradição salesiana, de estar enraizados num espaço e num tempo. Educadores mobilizaram-se para enfrentar e ajudar a enfrentar com resiliência este evento global. Também desta forma educámos para a cidadania e, voltámos a colocar ao centro a necessidade de educar como prioritária e central para a nossa missão e vocação.

Agora a palavra a ti, Irmã Martha, para nos ajudares a aprofundar melhor esta unidade entre educar bons cristãos e cidadãos honestos

6) sr MARTHA

Ao reorganizar os dados que emergiram da pesquisa, em referência aos “bons cristãos”, podemos perceber como os entrevistados colocam em evidência os elementos característicos da educação cristã, enquanto processo de amadurecimento humano-cristão. Isto significa, antes de mais, uma educação autêntica e plenamente humana, realizada dentro de um horizonte de fé, dentro de um caminho de crescimento orientado para a plenitude da vida cristã, que inclui no seu dinamismo a catequese, a iniciação litúrgico-sacramental, a formação moral, a iniciação ao apostolado eclesial e a educação para o compromisso na sociedade (cf. *Gravissimum Educationis*, n.º 2; Groppo 1991, 423-425).

Por um lado, existem algumas afirmações que ilustram bem esta convicção, por exemplo:

“Esta afirmação (‘bons cristãos e honestos cidadãos’) chama-me a formar a consciência dos jovens...”

“quando temos um bom fundamento cristão... é nesse preciso momento que nos tornamos honestos...”

Ou

“O que significa educar bons cristãos e cidadãos honestos? Eu diria que é levar o jovem ... a ter bons comportamentos tendo a Palavra de Deus como pilar...”

Por outro lado, expressa-se um certo pesar quando estes aspetos são negligenciados, como podemos observar nesta declaração:

“Gostaria de acrescentar algo que me comove verdadeiramente, que me parece que estamos a esquecer um pouco os dois pilares da Confissão da Eucaristia...”

Além disso, a consciência de viver hoje num mundo multicultural e multirreligioso, por parte dos educadores, faz com que a formação de bons cristãos e honestos cidadãos não seja uma tarefa que exclui. Pelo contrário, já o termo católico predispõe à abertura, à aceitação e à inclusão de jovens de todas as culturas e crenças. Nesta perspetiva, tendemos a promover o diálogo inter-religioso na vida quotidiana para educar à convivência pacífica, no respeito e na solidariedade.

Outro aspeto salientado pelos *focus group* em relação ao bom cristão é a *força do testemunho do educador*, chamado a viver a sua fé de forma coerente e alegre, garantindo um acompanhamento e presença constantes, sobretudo nos momentos importantes da vida dos jovens, ao estilo tipicamente salesiano de alegria, escuta, familiaridade, amorevolezza, etc.

“dar testemunho...mostrar que somos pessoas felizes... E eu digo, pelo menos eles vão lembrar-se disto; vão lembrar-se daquele professor...”

É interessante notar que, mesmo quando se referem principalmente à educação de bons cristãos, os entrevistados realçam que o método salesiano é necessário com os três pilares interligados de Dom Bosco: *bondade amorosa, religião, razão* para uma educação holística e orientada para a pessoa. Os educadores afirmam a necessidade de fazer propostas de “elevado nível de vida cristã ordinária” no sentido de não terem medo de propor experiências fortes e envolventes no plano da fé e a nível social.

Estas macro categorias retratam os elementos fundamentais que emergiram nos *focus group* e que ajudam a apreender a unidade e a integridade do percurso educativo sintetizado no binómio “bons cristãos e honestos cidadãos”. Estes aspetos não só delineiam o entrelaçamento das diferentes dimensões da pessoa na ação educativa quotidiana, mas também a unidade metodológica e a exemplaridade dos educadores traduzidas em testemunhos credíveis.

CONCLUSÃO

Agradecemos por terem acompanhado este encontro e esperamos poder continuar a “educar bons cristãos e honestos cidadãos” e a manter vivo e atual o poder transformador da educação salesiana na vida das pessoas e na sociedade.